



A INCENDIÁRIA

STEPHEN KING

TRADUÇÃO
Regiane Winarski



Copyright © 1980, 1981 by Stephen King

Publicado mediante acordo com o autor através da The Lotts Agency.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Firestarter

Capa

Alceu Chiesorin Nunes

Foto de capa

Jonathan Kitchen/ Getty Images

Projeto gráfico

Bruno Romão

Preparação

Emanuella Feix

Revisão

Thaís Totino Richter

Márcia Moura

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

King, Stephen

A incendiária / Stephen King ; tradução Regiane Winarski. – 1ª ed. – Rio de Janeiro : Suma, 2018.

Título original: Firestarter.

ISBN 978-85-5651-061-7

1. Ficção de suspense 2. Ficção norte-americana.
I. Título.

18-12641

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção de suspense : Literatura norte-americana 813

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19, sala 3001 – Cinelândia

20031-050 – Rio de Janeiro – RJ

Telefone: (21) 3993-7510

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/editorasuma

instagram.com/editorasuma

twitter.com/Suma_BR

Em memória de Shirley Jackson, que nunca precisou erguer a voz.

A assombração da Casa da Colina

A loteria

Sempre vivemos no castelo

The Sundial

NOVA YORK/ALBANY

1

— Papai, estou cansada — disse com agitação a garotinha de calça vermelha e blusa verde. — A gente não pode parar?

— Ainda não, querida.

Ele era um homem grande de ombros largos, vestindo um paletó de veludo gasto e puído e uma calça marrom de sarja. Ele e a garotinha estavam de mãos dadas, andando pela Terceira Avenida em Nova York. Caminhavam rápido, quase correndo. Ele olhou para trás, e o carro verde ainda estava lá, seguindo lentamente junto ao meio-fio.

— Por favor, papai. *Por favor.*

Ele olhou para ela e viu como seu rosto estava pálido. Havia círculos escuros embaixo dos olhos da menina. Ele a pegou no colo e a apoiou na dobra do braço, mas não sabia por quanto tempo conseguiria segurá-la assim. Também estava cansado, e Charlie não era mais tão leve.

Eram cinco e meia da tarde, e a Terceira Avenida estava lotada. Os dois agora estavam atravessando ruas de número sessenta e tantos, e essas ruas transversais eram mais escuras e menos movimentadas... Mas isso era do que ele menos tinha medo.

Os dois esbarraram em uma senhora empurrando um carrinho cheio de compras.

— Olhe por onde anda, hein! — disse ela, e foi em frente, engolida pela multidão apressada.

Seu braço estava ficando cansado, e ele trocou Charlie para o outro. Lançou mais um olhar para trás, e o carro verde continuava lá, ainda acompanhando, meio quarteirão para trás. Havia dois homens no banco da frente, e parecia haver um terceiro no de trás.

O que eu faço agora?

Não tinha a resposta para isso. Estava cansado, com medo e com dificuldade de pensar. Foi pego em um momento ruim, e os filhos da mãe provavelmente sabiam. Só queria se sentar no meio-fio sujo e chorar toda a frustração e medo que sentia. Mas isso não era solução. Ele era um adulto. Teria que pensar pelos dois.

O que a gente faz agora?

O dinheiro tinha acabado. Esse talvez fosse o maior problema, além dos homens no carro verde. Não dava para fazer nada sem dinheiro em Nova York. As pessoas sem dinheiro desapareciam em Nova York; caíam nas calçadas e nunca mais eram vistas.

Ele olhou para trás e viu que o carro estava ligeiramente mais próximo. O suor começou a escorrer pelas costas e pelos braços um pouco mais rápido. Se os homens soubessem tanto quanto ele desconfiava que sabiam, se soubessem como ele àquela altura tinha pouco impulso, talvez tentassem pegá-lo ali e agora. E sem se importar com a multidão. Em Nova York, se não é com você que algo está acontecendo, uma cegueira esquisita se desenvolve. *Eles andam me monitorando?*, perguntou-se Andy com desespero. Se estivessem, eles sabiam, e tudo tinha acabado, exceto os gritos. Se o estavam monitorando, eles conheciam o padrão. Depois que Andy conseguia um pouco de dinheiro, as coisas estranhas paravam de acontecer por um tempo. As coisas nas quais eles estavam interessados.

Continue andando.

Claro, chefe. Podexá, chefe. Pra onde?

Ele tinha ido ao banco ao meio-dia porque seu radar estava em alerta, aquele pressentimento esquisito de que eles estavam se aproximando de novo. Tinha dinheiro no banco, e ele e Charlie poderiam usar para fugir, se precisassem. Mas olha que engraçado. Andrew McGee não possuía mais conta no Chemical Allied Bank of New York, nem conta pessoal, nem conta profissional, nem poupança. Todas haviam sumido, e foi então que Andrew percebeu que eles realmente pretendiam partir para cima com tudo daquela vez. Aquilo tudo havia mesmo acontecido apenas cinco horas e meia atrás?

Mas talvez houvesse um restinho do impulso. Um pouquinho mesmo. Fazia quase uma semana desde a última vez que o usara — precisou usar com aquele homem suicida no Confidence Associates que foi à sessão de te-

rapia das noites de quinta e começou a falar com uma calma sinistra sobre o suicídio de Hemingway. E, na saída, com o braço casualmente em torno do ombro do homem suicida, Andy deu uma impulsionadinha nele. Agora, com amargura, esperava que tivesse valido a pena. Porque estava parecendo que ele e Charlie pagariam por isso. Ele quase esperava que um eco...

Mas não. Ele afastou o pensamento, horrorizado e enojado consigo mesmo. Não era coisa que se desejasse a *ninguém*.

Um restinho, ele orou. *Só isso, Deus, só um restinho. O suficiente para tirar a mim e Charlie dessa confusão.*

E, caramba, sei que vou pagar por isso... fora o fato de que vou estar morto um mês depois, como um rádio com fusível queimado. Talvez em seis semanas. Ou talvez morto mesmo, com meu cérebro inútil vazando pelas orelhas. O que vai acontecer com Charlie nesse caso?

Os dois estavam chegando perto da rua Setenta, a luz na direção oposta deles. O trânsito estava carregado, e os pedestres se amontoavam na esquina em um gargalo. De repente, Andy soube que era ali que os homens do carro verde os pegariam. Vivos se pudessem, claro, mas, se parecesse que fosse dar confusão... bem, eles provavelmente também tinham sido informados sobre Charlie.

Talvez eles nem queiram mais nos levar vivos. Talvez tenham decidido manter o status quo. O que se faz com uma equação defeituosa? Apaga do quadro.

Uma faca nas costas, uma pistola com silenciador, possivelmente um método mais antigo — uma gota de um veneno raro na ponta de uma agulha. Convulsões na esquina da Terceira Avenida com a rua Setenta. “Policial, esse homem parece ter sofrido um ataque cardíaco.”

Ele teria que tentar usar aquele resquício do impulso. Não havia mais nada.

Os dois se uniram aos pedestres esperando na esquina. Do outro lado, PARE estava aceso, parecendo eterno. Ele olhou para trás. O carro verde tinha parado. As portas do lado do meio-fio se abriram, e dois homens de terno saíram. Eles eram jovens, com a pele do rosto lisa. Pareciam consideravelmente mais energizados do que Andy McGee se sentia.

Andy começou a abrir caminho pelo amontoado de pedestres, os olhos procurando desesperadamente um táxi vazio.

— Ei, cara...

— Pelo amor de Deus, amigo!

— Moço, você pisou no meu *cachorro*...

— Com licença... com licença... — disse Andy em desespero, enquanto procurava um táxi. Não havia nenhum. Em qualquer outro momento, a rua estaria lotada de táxis. Ele sentia os homens do carro verde indo em sua direção, querendo pôr as mãos nele e em Charlie, levá-los para Deus sabia onde, para a Oficina, algum lugar qualquer, ou fazer alguma coisa bem pior...

Charlie apoiou a cabeça no ombro dele e bocejou.

Andy viu um táxi vazio.

— Táxi! Táxi! — gritou, fazendo loucamente sinal com a mão livre.

Atrás dele, os dois homens pararam de disfarçar e saíram correndo.

O táxi parou.

— Espere! — gritou um dos homens. — Polícia! Polícia!

Uma mulher perto da parte de trás da multidão na esquina gritou, e todos começaram a correr.

Andy abriu a porta de trás do táxi, jogou Charlie dentro e mergulhou atrás dela.

— Para La Guardia, vai com tudo — ordenou.

— *Espere, taxista. Polícia!*

O motorista virou a cabeça para a voz, e Andy deu um impulso de leve. Uma adaga de dor pareceu perfurar bem o meio da testa dele e logo sumiu, deixando uma vaga sensação de dor, como uma enxaqueca matinal, o tipo que se tem quando se dorme com o pescoço torto.

— Estão correndo atrás daquele sujeito negro de boné xadrez — mentiu ele para o taxista.

— Certo — disse o motorista, se afastando serenamente do meio-fio e dobrando na rua Setenta.

Andy olhou para trás. Os dois homens estavam parados sozinhos na calçada, e os outros pedestres evitavam se aproximar deles. Um dos homens pegou um walkie-talkie no cinto e começou a falar. E logo eles sumiram.

— Aquele sujeito negro, o que foi que ele fez? — perguntou o motorista. — Roubou uma loja de bebidas, por acaso? O que você acha?

— Não sei — respondeu Andy, tentando pensar em como ir em frente com aquilo, como tirar o máximo daquele motorista com o menor esforço.

Será que tinham conseguido anotar a placa do táxi? Supunha que sim. Mas não iam querer procurar a guarda municipal nem a polícia. Ficariam desnorteados e perdidos, ao menos por um tempo.

— São todos drogados, os negros desta cidade — afirmou o motorista. — Nem me fala, eu mesmo digo.

Charlie estava pegando no sono. Andy tirou o paletó de veludo, dobrou e fez de travesseiro para ela. Começava a sentir uma leve esperança. Se conseguisse agir do jeito certo, talvez funcionasse. A sorte lhe trouxera uma pessoa que ele via (sem preconceito nenhum) como uma facilidade. O motorista era do tipo que, de todas as formas, parecia mais fácil de impulsionar: era branco (os orientais eram os mais difíceis, por algum motivo); era bem jovem (pessoas velhas eram quase impossíveis) e de inteligência média (pessoas inteligentes eram as mais fáceis, as burras as mais difíceis, e com os deficientes mentais era impossível).

— Mudei de ideia — disse Andy. — Nos leve para Albany, por favor.

— *Para onde?* — O motorista olhou para ele pelo retrovisor. — Cara, não posso fazer uma viagem até Albany, você ficou louco?

Andy pegou a carteira, que tinha só uma nota de um dólar. Agradeceu a Deus por não ser um daqueles táxis com divisória à prova de balas, que não permitia contato entre passageiro e motorista, exceto por uma abertura para o dinheiro. Contato direto sempre facilitava o impulso. Nunca conseguiu descobrir se era algo psicológico ou não, e agora não importava.

— Vou dar a você quinhentos dólares — informou Andy, baixinho —, para você levar a minha filha e eu até Albany. Certo?

— Jeee-sus, moço...

Andy colocou a nota na mão do taxista, e quando o sujeito olhou, Andy deu outro impulso... com força. Por um segundo terrível, teve medo de não dar certo, de não haver mais nada lá, de ele ter raspado o fundo do tacho quando deu um impulso que fez o motorista ver o homem negro inexistente com boné xadrez.

Mas a sensação veio, como sempre acompanhada por aquela adaga de aço de dor. No mesmo momento, seu estômago pareceu receber um peso, e seu intestino travou com uma dor intensa e aguda. Ele levou uma mão trêmula ao rosto e se perguntou se ia vomitar... ou morrer. Naquele momento, quis morrer, como sempre desejava quando exagerava (*use, não*

abuse, o slogan de um DJ antigo ecoou de maneira doentia em sua mente) no que quer que aquela coisa fosse. Se naquele momento alguém tivesse colocado uma arma em sua mão...

Ele olhou de esguelha para Charlie, que dormia. A menina confiava nele para tirá-los daquela confusão, como havia feito em todas as outras, e acreditava que ele estaria lá quando ela acordasse. Sim, todas as confusões. Era sempre a mesma confusão, a mesma porra de confusão, e eles já estavam fugindo de novo. Um desespero sombrio pressionou a parte de trás de seus olhos.

O sentimento passou... mas a dor de cabeça, não. Ela ficaria cada vez pior até se tornar um peso sufocante, espalhando uma dor vermelha pela cabeça e pelo pescoço a cada pulsação. Luzes brilhantes o fariam lacrimejar sem parar e gerariam pontadas de dor atrás dos olhos. Suas narinas ficariam obstruídas, e ele teria que respirar pela boca. Sentiria pressão nas têmporas. Pequenos barulhos se amplificariam, ruídos comuns soariam altos como britadeiras, sons altos se tornariam insuportáveis. A dor de cabeça pioraria até ele ter a impressão de que seu crânio estava sendo esmagado por um instrumento de tortura da inquisição. E tudo acabaria se firmando naquele nível por seis, oito, talvez dez horas. Desta vez, ele não sabia. Nunca havia forçado tanto quando estava tão perto do esgotamento. Ficaria quase inútil durante o período em que estivesse abatido pela dor de cabeça. Charlie teria que cuidar dele. Deus sabia que ela já tinha feito isso... Mas eles tiveram sorte. Quantas vezes era possível ter sorte?

— Nossa, moço, não sei...

Isso só podia significar que o taxista acreditava se tratar de algum problema com a lei.

— O acordo só fica valendo se você não mencionar nada para a minha garotinha — exigiu Andy. — Nas duas últimas semanas, ela ficou comigo, e agora tem que voltar para a casa da mãe até amanhã de manhã.

— Direitos de visita — comentou o taxista. — Sei bem como é.

— É que eu tinha que levar ela de avião.

— Até Albany? Devia ser para Ozark, não?

— É. A questão é que eu morro de medo de avião. Sei que parece loucura, mas é verdade. Normalmente, eu levo ela de carro, mas desta vez a

minha ex-mulher começou a pegar no meu pé, e... sei lá. — Na verdade, Andy não sabia mesmo. Tinha inventado a história na hora, e agora parecia estar chegando em um beco sem saída. Em boa parte por pura exaustão.

— Então eu deixo você no antigo aeroporto de Albany. Até onde a mãe dela sabe, você foi de avião, né?

— Isso mesmo. — Sua cabeça estava latejando.

— Além disso, até onde a mãe dela sabe, você não é cagão, certo?

— Certo. — Cagão? O que aquilo queria dizer? A dor estava piorando.

— Quinhentas pratas pra fugir de um voo de avião — refletiu o taxista.

— Pra mim, vale — respondeu Andy, dando um último impulso. Com voz muito baixa, falando quase no ouvido do motorista, acrescentou: — E deve valer pra você.

— Escuta — disse o motorista com voz sonhadora. — Eu que não vou recusar quinhentos dólares. Não me fala, eu mesmo digo.

— Tudo bem — assentiu Andy, e se encostou. O motorista estava satisfeito. Não estava pensando na história enrolada do passageiro. Não estava questionando o que uma garotinha de sete anos estava fazendo visitando o pai por duas semanas em outubro, época de aulas. Não estava pensando no fato de que nenhum dos dois possuía bagagem. Não estava preocupado com nada. Ele tinha sido impulsionado.

Agora, Andy pagaria o preço.

Ele pôs a mão na perna de Charlie, que dormia profundamente. Os dois haviam passado a tarde fugindo, desde o momento em que Andy chegou na escola dela e a tirou da aula da segunda série com uma desculpa qualquer... avó muito doente... ligou para casa... desculpe por ter que levá-la no meio do dia. E, por trás de tudo isso, sentia um alívio enorme e crescente. Como ele teve medo de chegar na sala da sra. Mishkin e ver a cadeira de Charlie vazia, os livros empilhados embaixo: *Não, sr. McGee... ela saiu com seus amigos duas horas atrás... eles tinham um bilhete seu... não era pra autorizar?* Lembranças de Vicky voltando, o terror repentino da casa vazia naquele dia. Sua caçada insana atrás de Charlie. Porque eles já a haviam capturado antes.

Mas Charlie ainda estava lá. O quão perto eles haviam chegado? Andy chegara na frente deles em meia hora? Quinze minutos? Menos? Não gostava de pensar nisso. Ele e a filha almoçaram tarde no Nathan's e passaram

o resto do dia se movimentando (agora Andy podia admitir para si mesmo que estivera em um estado de pânico cego), andando de metrô, de ônibus, mas, na maior parte do tempo, a pé. E agora ela estava exausta.

Ele lhe lançou um olhar longo e amoroso. O cabelo dela ia até os ombros, era de um louro perfeito, e quando ela dormia tinha uma beleza calma. Charlie se parecia tanto com Vicky que doía. Ele fechou os olhos.

No banco da frente, o motorista olhou com uma expressão sonhadora para a nota de quinhentos dólares que o passageiro havia lhe dado. Guardou na pochete especial onde colocava todas as suas gorjetas. Não achava estranho o fato de aquele sujeito no banco de trás estar andando por Nova York com uma garotinha e uma nota de quinhentos dólares no bolso. Não se questionou como ia acertar as coisas com a central de táxis. Ele só pensava em como sua namorada, Glyn, ficaria empolgada. Glynis ficava dizendo que dirigir um táxi era um trabalho sem graça e deprimente. Bom, ela que esperasse para ver aquela nota de quinhentos sem graça e deprimente.

No banco de trás, Andy estava sentado com a cabeça encostada e os olhos fechados. A dor de cabeça estava chegando, chegando, tão inexorável quanto um cavalo negro sem cavaleiro em um cortejo funerário. Ele ouvia os cascos do cavalo nas têmporas: *tum... tum... tum*.

Em fuga. Ele e Charlie. Ele tinha trinta e quatro anos, e até o ano anterior era professor de inglês na Harrison State College em Ohio. Harrison era uma cidadezinha universitária tranquila. A boa e velha Harrison, no coração dos Estados Unidos. O velho Andrew McGee, um jovem bom e íntegro. Lembra-se da charada? Por que um fazendeiro é o pilar de sua comunidade? Porque ele é sempre o melhor em seu campo.

Tum, tum, tum, o cavalo negro sem cavaleiro e com olhos vermelhos descia pelos corredores de sua mente, os cascos com ferraduras afundando em massa cinzenta macia, deixando pegadas que se encheriam com crescentes místicos de sangue.

O motorista foi fácil. Claro. Um incrível motorista de táxi.

Ele cochilou e viu o rosto de Charlie. E o rosto de Charlie se transformou no rosto de Vicky.

Andy McGee e sua esposa, a linda Vicky. Arrancaram as unhas dela, uma a uma. Tiraram quatro, e ela falou. Isso, pelo menos, foi o que ele deduzira. Polegar, indicador, médio, anelar. E então: Parem. Eu falo. Vou

contar qualquer coisa que vocês queiram saber. Mas parem de me torturar. Por favor. E ela contou. E então... talvez tenha sido acidente... mas sua esposa morreu. Bem, algumas coisas são maiores do que nós dois, e outras coisas são maiores do que todos nós.

Coisas como a Oficina, por exemplo.

Tum, tum, tum, o cavalo negro sem cavaleiro continuava vindo, vindo e vindo: vejam, um cavalo negro.

Andy dormiu.

E lembrou.

2

O homem no comando do experimento era o dr. Wanless. Ele era gordo e calvo e tinha pelo menos um hábito um tanto bizarro.

— Senhoras e senhores, nós vamos aplicar uma injeção em cada um de vocês doze — informou ele, rasgando um cigarro no cinzeiro à frente. Seus dedinhos rosados puxaram o papel fino do cigarro, espalhando pequenos cones de tabaco dourado-amarronzado. — Seis dessas injeções conterão água, e seis irão conter água misturada com uma pequena quantidade de um composto químico que chamamos de Lote Seis. A exata natureza desse composto é confidencial, mas trata-se essencialmente de um hipnótico e alucinógeno moderado. Portanto, vocês entendem que o composto será administrado pelo método duplo-cego... Isso significa que, até mais tarde, nem vocês nem nós saberemos quem recebeu a dose limpa e quem recebeu a outra. Os doze permanecerão sob supervisão intensa durante quarenta e oito horas após a injeção. Perguntas?

Houve várias, a maioria relacionada com a exata composição do Lote Seis; aquela palavra, *confidencial*, era como colocar cães farejadores na trilha de um condenado. Wanless desviou das perguntas com habilidade. Ninguém fez a pergunta na qual Andy McGee, de vinte e dois anos, estava mais interessado. Ele pensou em levantar a mão no hiato que tomou conta do auditório quase deserto do prédio de psicologia e sociologia da Harrison e perguntar: “Por que você está estragando cigarros perfeitamente bons como esses?”. Mas era melhor ficar calado. Melhor deixar a imaginação correr li-

vre enquanto seu tédio aumentava. O homem devia estar tentando parar de fumar. Os retentivos orais fumavam; os retentivos anais rasgavam. (Isso gerou um leve sorriso nos lábios de Andy, que logo cobriu a boca com a mão.) O irmão de Wanless devia ter morrido de câncer de pulmão, e o cientista devia estar simbolicamente despejando sua raiva da indústria do cigarro. Ou talvez fosse apenas um daqueles tiques exagerados que os professores universitários sentiam que precisavam exibir e não reprimir. Andy teve um professor de inglês no segundo ano na Harrison (o homem agora estava aposentado, felizmente) que ficava cheirando a gravata o tempo todo enquanto dava aula sobre William Dean Howells e a ascensão do realismo.

— Se não há mais perguntas, pedirei que vocês preencham esses formulários, e espero vê-los pontualmente às nove na terça que vem.

Dois ajudantes distribuíram fotocópias com vinte e cinco perguntas ridículas para responder “sim” ou “não”. 8 — *Você já fez tratamento psiquiátrico?* 14 — *Você acredita ter vivido uma experiência mediúnica verdadeira?* 18 — *Você já usou drogas alucinógenas?* Depois de uma breve pausa, Andy marcou “não” nessa, pensando: *Neste ano de 1969, quem não usou?*

Ele foi parar ali por causa de Quincey Tremont, o sujeito com quem dividia o quarto na faculdade. Quincey sabia que a situação financeira de Andy não era muito boa. Era maio do último ano de Andy; ele se formaria em quadragésimo lugar, em uma turma de quinhentos e seis alunos, o terceiro do grupo de inglês. Mas isso não comprava batatas, como ele disse para Quincey, que estudava psicologia. Andy tinha uma monitoria prometida para o semestre seguinte, junto com uma bolsa acadêmica da Harrison, que seria suficiente para se alimentar e fazer mestrado. Mas tudo isso ocorreria depois das férias, e no meio disso haveria o verão. O melhor que ele tinha conseguido até o momento era um responsável e desafiador emprego como frentista do posto Arco no turno da noite.

— O que você acha de ganhar duzentas pratas fácil? — perguntara Quincey.

Andy tirou o cabelo comprido e escuro da frente dos olhos verdes e sorriu.

— Em que banheiro masculino tenho que montar minha barraquinha?

— Não, é uma experiência de psicologia — explicou Quincey. — Mas está sendo organizada pelo dr. Louco. Esteja avisado.

— Quem é?

— É Wanless, o Tonto. Um sujeitinho importante no departamento de psicologia.

— Por que chamam ele de dr. Louco?

— Bem, ele é ao mesmo tempo um homem-rato e um homem de Skinner. Um behaviorista. Os behavioristas não andam recebendo muito amor ultimamente — respondeu Quincey.

— Ah — disse Andy, intrigado.

— Além disso, ele usa óculos de armação muito grossa, o que faz ele parecer um pouco aquele cara que encolhia as pessoas em *Delírio de um sábado*. Já viu esse filme?

Andy, que era viciado em filmes da madrugada, já tinha visto e se sentiu em terreno mais seguro. Mas não sabia se queria participar de um experimento conduzido por um professor que era classificado como a) homem-rato e b) dr. Louco.

— Não estão tentando encolher gente, estão? — indagou.

Quincey riu com gosto.

— Não, isso é coisa do pessoal de efeitos especiais que trabalha em filmes B de terror. O departamento de psicologia está testando uma série de alucinógenos de grau baixo. Estão trabalhando com o Serviço de Inteligência americano.

— CIA? — perguntou Andy.

— Não a CIA, nem a DIA, nem a NSA — disse Quincey. — Uma mais discreta do que todas essas. Você já ouviu falar sobre a Oficina?

— Talvez em um suplemento de domingo, eu acho. Não tenho certeza.

Quincey acendeu um cachimbo.

— Essas coisas trabalham do mesmo jeito em todos os lados — falou. — Psicologia, química, física, biologia... até o pessoal da sociologia recebe um pouco de grana. Alguns programas são subsidiados pelo governo. Qualquer coisa desde o ritual de acasalamento da mosca tsé-tsé até o possível descarte de cartuchos de plutônio usados. Uma unidade como a Oficina precisa gastar todo o orçamento anual para justificar uma quantia similar no ano seguinte.

— Essa merda me perturba imensamente — comentou Andy.

— Perturba quase qualquer ser pensante — respondeu Quincey com um sorriso calmo e imperturbável. — Mas o trem segue em frente. O que

o nosso ramo da inteligência quer com alucinógenos de grau baixo? Quem é que sabe? Eu não sei. Nem você. Provavelmente, eles também não. Mas, quando chega a época da renovação do orçamento, os relatórios fazem bonito em bancas confidenciais. Eles têm seus preferidos em cada departamento. Na Harrison, o preferido do departamento de psicologia é Wanless.

— A administração não se importa?

— Não seja ingênuo, meu garoto. — Com o cachimbo aceso, Quincey baforava grandes nuvens fedorentas de fumaça pela sala do apartamento velho. Sua voz ficou mais grave e mais pomposa, mais estilo Buckley. — O que é bom para Wanless é bom para o departamento de psicologia da Harrison, que no ano que vem vai ter seu próprio prédio e não vai mais precisar se juntar com aquela gente da sociologia. E o que é bom para o departamento é bom para a faculdade. E para Ohio. E todo aquele blá-blá-blá.

— Você acha que é seguro?

— Não testam em voluntários estudantes se não for seguro — afirmou Quincey. — Se tiverem a menor das dúvidas, testam em ratos, depois em presidiários. Pode ter certeza de que o que vão aplicar em você já foi dado a trezentas pessoas antes, cujas reações foram cuidadosamente monitoradas.

— Não estou gostando dessa história de CIA...

— Oficina.

— Qual é a diferença? — perguntou Andy com morosidade. Ele olhou para o pôster que Quincey tinha de Richard Nixon. Em frente a um carro amassado, Nixon estava sorrindo, fazendo com os dedos gordos das duas mãos um V da vitória. Andy mal conseguia acreditar que aquele sujeito havia sido eleito presidente menos de um ano antes.

— Bom, eu achei que os duzentos dólares seriam úteis, só isso.

— Por que estão pagando tanto? — questionou Andy com desconfiança. Quincey levantou as mãos.

— Andy, é bondade do governo! Não dá pra aceitar isso? Dois anos atrás, a Oficina pagou uns trezentos mil dólares por um estudo de viabilidade de bicicletas explosivas produzidas em grandes volumes, e isso saiu no *Times* de domingo. Era só mais uma coisa relacionada ao Vietnã, eu acho, mas ninguém tem certeza. É como Fibber McGee dizia, “Pareceu uma boa ideia na ocasião”. — Quincey apagou o cachimbo com movimen-